

## ACREDITAÇÃO HOSPITALAR

# O papel das CCIHs na prevenção e no controle de infecções

O controle de infecções é uma questão de grande importância e impacto em qualquer instituição de saúde. Por esse motivo, cada unidade assistencial do INCA possui uma Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), todas com o mesmo objetivo principal: identificar e reduzir os riscos de transmissão de infecções entre pacientes, funcionários, profissionais de saúde e demais pessoas que circulem no ambiente.

As comissões são compostas por profissionais de diferentes formações, em caráter multidisciplinar. No INCA, são lideradas por médicos ou enfermeiros especializados em controle de infecções. Os responsáveis pelas CCIHs das unidades são Eduardo Velasco (médico do HC I), Débora Otero (médica do HC II), Wilza Felipe (enfermeira do HC III), Luciana Ramadas (médica do HC IV) e Marcelo Schirmer (médico do CEMO).

O Manual de Acreditação Hospitalar da Joint Commission International/ Consórcio Brasileiro de Acreditação (JCI/CBA) dedica um capítulo para os padrões que devem ser seguidos no processo de identificação e redução do risco de infecções. Além disso, estabelece áreas de desempenho que devem ser constantemente trabalhadas pela instituição de saúde, visando a qualidade e a segurança no atendimento

aos pacientes. Entre os pontos destacados neste capítulo, intitulado Prevenção e Controle de Infecções (PCI), estão a educação continuada dos profissionais e a higienização das mãos.

De forma geral, todas as unidades do INCA realizam uma série de medidas como campanha de higienização das mãos e acompanhamento do uso dos antibióticos, segundo padrões preconizados pela CCIH de cada unidade. Também há fiscalizações de limpeza, desinfecção das superfícies, cuidados com a manipulação de dispositivos invasivos dos pacientes e cuidados específicos para portadores de germes resistentes, como a precaução de contato – que envolve higienização das mãos e uso de avental e luva –, além de um intenso trabalho de conscientização das equipes.

Apesar dos pontos em comum, cada unidade possui características específicas e, dependendo do perfil dos pacientes, os métodos de controle podem ser distintos. "Procuramos nos adaptar a essas diferentes realidades", diz a médica infectologista Débora Otero, responsável pela CCIH do HC II, unidade que foi reacreditada em 2011. "Há uma integração muito grande entre as CCIHs. Sempre realizamos reuniões quando é preciso resolver algo de impacto para todo o Instituto", acrescenta.

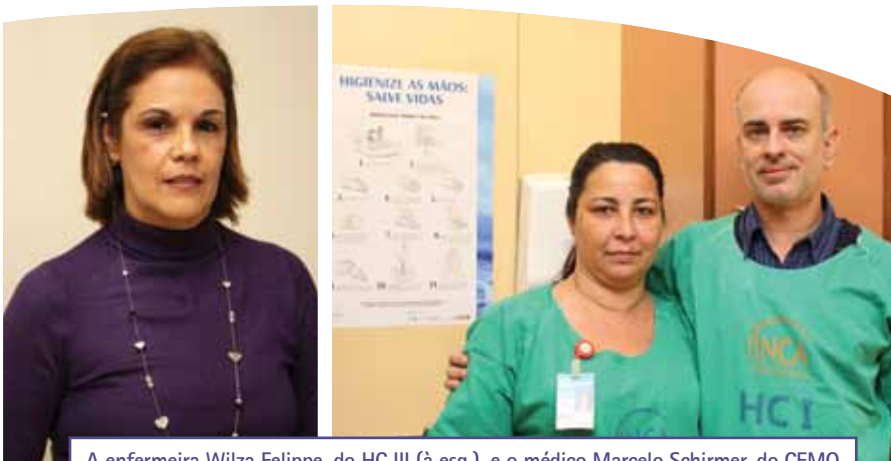


A médica Débora Otero, do HC II

## O trabalho das comissões nas unidades

No HC I e no HC II, são feitas vigilâncias específicas nos pacientes internados em CTI, para detectar o possível desenvolvimento de algum tipo de infecção, que pode ser ligada à cirurgia ou não. "No HC II, fazemos um pacote de medidas de prevenção de pneumonia, por exemplo. O uso da cabeceira elevada e a higiene oral são fatores que ajudam a diminuir o número de pneumonias", afirma Débora, explicando que a cabeceira alta dificulta a aspiração indevida de secreções da boca para o pulmão quando os pacientes estão sonolentos. Na unidade também é feita a vigilância de cateter vascular, em que se verifica se os curativos estão em bom estado, datados e se há a necessidade de troca.

No HC III, uma das particularidades é o seu intenso quadro cirúrgico, que chega a 200 procedimentos por mês. "Todos os pacientes são acompanhados até a alta do curativo, e a infecção de sítio cirúrgico é vigiada de forma ativa por 30 dias, o que nos permite elaborar uma taxa real da incidência desse tipo de infecção", conta a enfermeira Wilza Felipe, responsável pela CCIH do HC III. Ela também destaca a importância do treinamento e da conscientização de todos os profissionais, não apenas aqueles ligados à comissão. "Atendendo ao Programa de Controle de Infecções Hospitalares, desenvolvemos ações educativas visando a capacitação adequada do quadro de funcionários e profissionais que prestam assistência no ambiente hospitalar, como cursos de capacitação, campanhas de higienização das mãos, treinamentos, aulas e seminários nessa área", conta.



A enfermeira Wilza Felipe, do HC III (à esq.), e o médico Marcelo Schirmer, do CEMO, acompanhado da enfermeira Lilia Oliveira